

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO DE ESTUDOS DOS POVOS E CULTURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

CENTRO DE ESTUDOS E SONDAgens DE OPINIÃO

ANÁLISE PRELIMINAR  
DE DUAS SONDAgens SOBRE  
OS IMIGRANTES EM PORTUGAL

Mário F. Lages

Verónica Policarpo

Versão provisória

Lisboa  
2002

## Nota prévia

O presente relatório apresenta os primeiros resultados de uma investigação sobre a imigração recente em Portugal promovida pelo Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas e levada a cabo pelo Gabinete de Ética e o Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa durante o mês de Novembro de 2002, com a colaboração do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e o patrocínio da Fundação para Ciência e Tecnologia e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, investigação esta composta de duas partes – a primeira sobre a população portuguesa, e a segunda sobre os imigrantes que se dirigiram aos postos de legalização do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – ambas feitas mediante inquérito sociológico.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Dado o reduzido tempo de que os autores dispuseram para elaborar o presente relatório (os últimos dados referentes aos Açores e Madeira só chegaram ao Centro de Estudos e Sondagens de Opinião no dia 22 de Novembro), não foi possível comparar estes resultados com os de outras investigações em que foram abordados temas semelhantes. Esse desenvolvimento está previsto para o relatório que dará conta mais detalhada desta investigação.

# Análise Preliminar da Sondagem aos Portugueses

Os dados que se seguem constituem os resultados preliminares de uma sondagem à população portuguesa, que teve como objectivo conhecer as suas opiniões e atitudes relativamente aos imigrantes actualmente a residir em Portugal. Foram consideradas diversas dimensões possíveis na construção da imagem que os portugueses fazem dos imigrantes, nomeadamente no que se refere ao trabalho, ao sentimento de insegurança, à percepção das suas diferenças culturais, etc. Os inquiridos foram questionados quer relativamente aos imigrantes em geral (legais e ilegais), quer em relação a três grupos específicos: os imigrantes africanos, brasileiros e do Leste Europeu.

## Questões metodológicas

A presente sondagem foi realizada tendo como base uma amostra aleatória da população portuguesa com mais de 18 anos, em 29 freguesias. Trata-se de uma sondagem domiciliada, realizada durante os dias 19 e 20 de Outubro, por uma equipa constituída por 84 inquiridores, todos eles estudantes universitários. Foram realizados 1419 inquéritos. A margem de erro é de 2,6%, com um intervalo de confiança de 95%.

A amostra, em termos de *sexo*, é constituída por cerca de 56,9% de mulheres e 43,1% de homens, distribuídos pelos todos os grupos dos 18 aos 65 anos ou mais<sup>2</sup>.

A maioria dos entrevistados possui *níveis de instrução* abaixo do 9º ano de escolaridade (43,7%)<sup>3</sup>. Ainda que com ligeiras diferenças em relação à caracterização da amostra, os resultados obtidos aproximam-se dos indicadores globais de caracterização conhecidos para a sociedade portuguesa.

Em termos de *ocupação ou profissão*, a amostra é constituída em maior número por trabalhadores não especializados (17,9%), seguidos dos quadros médios (11,5%), dos trabalhadores especializados (9,9%), dos trabalhadores dos serviços (7,9%) e, finalmente, das profissões superiores (5,3%). Quanto aos inquiridos não activos, a maioria é composta por reformados (17%) e por estudantes (14%), seguidos pelas domésticas (12,7%) e desempregados (3,9%).

Quanto à *distribuição por regiões*, a maioria dos inquiridos reside na região Norte (36,1%) e na região de Lisboa e Vale do Tejo (34,1%), seguidos pelas regiões Centro (19,5%), Alentejo (6,5%) e Algarve (3,8%). Destes inquiridos 61,7% residem em meio urbano e 38,3% em meio rural, todas estas estatísticas estando substancialmente de acordo com os factos já que constituíram critérios de estratificação da amostra.

---

<sup>2</sup> A apresentação dos resultados será feita tendo em conta as percentagens válidas das respostas, excepção feita aos casos em que as Não Respostas assumam valores importantes (por exemplo, iguais ou superiores a alguma das categorias em análise).

<sup>3</sup> Respondentes válidos: 11,6% possui menos do que a 4ª classe; 32,1% possui a 4ª classe antiga, 6ª classe ou ciclo preparatório recentes; 18,6% possui o 5º ano antigo ou 9º ano unificado, 10º ano, 11º ano; 15,9% possui o 7º ano antigo, propedêutico, 12º ano ou curso médio; 10,6% tem frequência universitária ou bacharelato; e, finalmente, 11,2% possui Licenciatura, mestrado ou doutoramento.

No que respeita ao *estado civil*, a maioria dos inquiridos é casada (57,5%). Dos restantes, 27,3% são solteiros, 7,5% viúvos, 5,2% separados/divorciados e 2,5% em união de facto. Dos inquiridos, 34,8% não tem filhos; mas 47,4% têm um ou dois filhos. Os restantes têm três ou mais filhos.

Quanto à *posição religiosa*, 86,9% dos inquiridos declararam-se católicos. Dos restantes, 4,8% são agnósticos ou ateus, 3,3%, indiferentes, 2,2%, crentes sem religião, 1,9% de outra religião cristã, 0,6 protestantes e 0,3% de religião não cristã.

Relativamente ao *nível de rendimentos*, 60,2% declarou ganhar até 500 euros, 22,9% até 1000 euros e apenas 6,8% declarou receber uma quantia superior. Note-se, no entanto que, em relação a esta questão, 35,2% dos inquiridos não respondeu.

Tendo em conta o objecto de estudo específico da presente sondagem, considerou-se ainda como uma variável relevante o facto do respondente ter ou não algum familiar, vizinho ou amigo imigrante. A esta questão, apenas uma minoria, abaixo dos 25%, respondeu afirmativamente. Quando olhamos para a distribuição dos resultados em termos dos grupos de imigrantes considerados, verificamos que são os imigrantes brasileiros que reúnem maior número de respostas: 13,1% dos respondentes válidos declarou ter pelo menos um familiar brasileiro, 22,4% declarou ter um amigo e 6,4% declarou ter um vizinho. No que respeita os imigrantes africanos, são menos os inquiridos que declararam ter entre as suas relações pessoais alguém com estas características: 20,2% declarou ter como amigo pelo menos um imigrante africano; 9,2% um vizinho; e 8,2% um familiar. Finalmente, os imigrantes de Leste são o grupo menos referido pelos respondentes, como parte das suas relações pessoais: apenas 7,3% dos inquiridos afirmou ter como amigo pelo menos um imigrante de Leste; 6,9% um vizinho; e 1,4% um familiar.

Outra variável considerada relevante, em termos do objecto específico desta sondagem, é a experiência de emigração por parte do inquirido, ou por parte de algum dos seus familiares. A esta questão, apenas 22,7% dos respondentes declarou ter tido experiência de emigração, contra 77,3% que afirmou o contrário. Relativamente à experiência de emigração por parte de familiares os resultados são completamente diferentes: 74,7% dos inquiridos respondeu ter pelo menos um familiar emigrante, contra 25,3% que declarou nunca o ter tido

De uma primeira análise estatística dos dados, ressaltam os seguintes resultados preliminares.

### ***Oposição a novos fluxos imigratórios***

À pergunta "*Concorda com a vinda de mais imigrantes para o nosso país?*" a maioria dos portugueses inquiridos respondeu que discorda da sua vinda, independentemente da sua origem: africana (74,4%), brasileira (71,7%) ou do Leste (73,4%). Apenas uma minoria concorda com a vinda de mais imigrantes, com uma mínima diferença segundo a proveniência: 28,3% para os brasileiros, 26,6% para os imigrantes de Leste e 25,6% para os imigrantes africanos.

No entanto, esta posição varia em função de algumas variáveis, como é o caso do grau de instrução dos inquiridos. São os inquiridos com graus de instrução mais baixos quem mais discorda da vinda de imigrantes para Portugal (discordam mais no ensino básico, menos no secundário e menos ainda no superior). Não há, porém, diferenças notórias a assinalar, em cada nível de instrução, relativamente aos três grupos de

imigrantes, exceção feita aos africanos, em relação aos quais essa discordância é ligeiramente maior, seja qual for o grau de instrução.

Quadro 1. Percentagem de inquiridos que discorda da vinda de mais imigrantes para Portugal, segundo o grau de instrução<sup>4</sup>

	Básico	Intermédio	Superior
Africanos	81,3	70,2	66,5
Brasileiros	77,7	68,9	63,1
De Leste	81,0	69,0	63,6

No que respeita à *distribuição por idade*, são os inquiridos mais velhos quem mais discorda da vinda de mais imigrantes para o país. É, em geral, entre os inquiridos mais novos que encontramos maior número de respostas favoráveis à vinda de mais imigrantes para Portugal. Regista-se, contudo, uma diferença entre a faixa etária dos 15-24 e a dos 25-34 anos, o que pode ser relacionado, entre outros factores, com as atitudes características destes grupos etários. Saliente-se ainda os valores mais baixos dos brasileiros, independentemente da idade dos inquiridos.

Quadro 2. Percentagem de inquiridos que discorda da vinda de mais imigrantes para Portugal, segundo a idade

	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 ou mais
Africanos	70,3	65,2	76	78,4	79,4	77,3
Brasileiros	66,8	60,6	74,2	75,5	79,5	74,3
De Leste	69,7	62,9	72,7	78,6	80,6	77,1

Quanto à variável sexo, registam-se ligeiras diferenças nas respostas dos inquiridos, na medida em que são as mulheres quem mais discorda da vinda de imigrantes para o nosso país (quer se tratem de africanos, brasileiros ou de Leste).

Quadro 3. Percentagem de inquiridos que discorda da vinda de mais imigrantes para Portugal, segundo o sexo

	Masculino	Feminino
Africanos	72,1	75,8
Brasileiros	68,5	73,8
De Leste	70,0	75,6

<sup>4</sup> Nível Básico: agregação das categorias *menos do que a 4ª classe e 4ª classe antiga, 6º ano ou ciclo preparatório recentes*; Nível intermédio: agregação das categorias *5º ano antigo ou 9º ano unificado, 10º e 11º anos e 7º ano antigo, propedêutico, 12º ano ou curso médio*; Nível superior: agregação das categorias *frequência da universidade ou bacharelato e licenciatura, mestrado ou doutoramento*.

A análise dos resultados parece, assim, indicar a influência de alguns factores nas opiniões sobre esta temática. É o caso, por exemplo, da instrução e da idade. Em relação à instrução, observou-se uma relação bastante clara com outras opiniões e atitudes face aos imigrantes: os dados revelam que quanto mais anos de escolaridade possuem os inquiridos, mais facilmente assumem posições de aceitação e tolerância. Espera-se encontrar outras relações igualmente relevantes, no que respeita a outro tipo de factores (por exemplo, a profissão, o meio residencial, o posicionamento político, a posição religião, etc.), numa fase mais avançada dos trabalhos.

### ***Direitos dos imigrantes***

Outra das dimensões que se procurou conhecer neste estudo é a da opinião e atitudes dos portugueses face aos direitos dos imigrantes que residem em Portugal.

Embora se tenha visto antes que apenas cerca de 1/4 da população concorda com a vinda de mais imigrantes para Portugal, quando se colocam questões aos inquiridos sobre os direitos dos imigrantes, os resultados obtidos revelam posições bastante favoráveis. Neste sentido, e no que respeita aos imigrantes legais, 97,2% considera que eles devem ter os mesmos direitos que os portugueses têm no estrangeiro, contra apenas 2,8% que discorda desta afirmação. Do mesmo modo, 93% consideram que os imigrantes legais devem poder trazer a sua família para Portugal, contra 7% que discordam dessa possibilidade. Finalmente, 84% dos inquiridos pensam que lhes deve ser facilitada a naturalização, contra 16% que pensa o contrário.

Quanto às opiniões sobre os imigrantes ilegais, 79,7% dos inquiridos considera que lhes deve ser facilitada a legalização, contra 20,3% que discorda desta medida. Além disso, 92,4% dos inquiridos concorda com a afirmação de que os imigrantes ilegais "devem ser protegidos contra a exploração dos patrões". No entanto, estes resultados devem ser interpretados juntamente com a informação relativa à percentagem de inquiridos que considera que os imigrantes ilegais "devem ser mantidos sob vigilância para não causarem problemas" (72,7% concordam, 27,3% discordam).

### ***Os imigrantes e a percepção da insegurança***

Na sequência do que foi dito, outra das dimensões consideradas nas opiniões e atitudes dos portugueses inquiridos face aos imigrantes é a sua maior ou menor associação a factores perspectivados como susceptíveis de provocar sentimentos de insegurança: o crime, a violência e outro tipo de problemas sociais como tráfico de droga, a prostituição, a sida.

Nesse sentido, à frase "*Os imigrantes cometem mais crimes que os portugueses*" as respostas dos inquiridos dividiram-se entre 39,5% que discordaram e 30% que concordaram com a afirmação. Note-se, porém, que esta questão reuniu um número bastante elevado de não respostas: cerca de 30,5%.

Por outro lado, a distinção entre imigrantes africanos, brasileiros e de Leste ganha relevância nas perguntas relativas à percepção da insegurança por parte dos inquiridos. Enquanto os imigrantes africanos surgem, principalmente associados à violência (62,5%), ao tráfico de droga (47,9%), à sida (40,7%) e a problemas e conflitos em geral (39,6%), já os imigrantes brasileiros surgem associados à prostituição (56,8%)

e os de Leste às máfias (52,4%). Estes imigrantes de Leste surgem, também, associados à violência (43,7%), à prostituição (38,7%) e a problemas e conflitos em geral (31,6%).

No entanto, a maioria dos portugueses considera que a convivência com os imigrantes ajuda ao entendimento entre as pessoas. Estas respostas distribuem-se de forma bastante diferenciada para os três grupos de imigrantes atrás referidos: 84,5% para os brasileiros, 68,4% para os imigrantes de Leste e 60,4% para os africanos.

### ***Os imigrantes e o trabalho***

Outra dimensão importante a ter em conta na construção da imagem dos imigrantes é a sua situação no mercado de trabalho. Esta dimensão foi abordada através de um grupo de perguntas que pretendem avaliar as opiniões e atitudes dos inquiridos face quer ao papel dos imigrantes na vida económica da sociedade portuguesa, quer à sua posição relativa face aos trabalhadores portugueses.

A respeito da afirmação "*Os imigrantes trabalham mais do que os portugueses*" a maioria dos inquiridos respondeu negativamente. No entanto, registam-se diferenças importantes entre os diferentes grupos de imigrantes. Enquanto que para os vindos do Leste há uma grande percentagem de pessoas que considera que eles trabalham mais do que os portugueses (44,6%), essa percentagem diminui relativamente aos africanos (27,6%) e, mais ainda, relativamente aos brasileiros (15%), sendo estas percentagens possivelmente influenciadas por alguns estereótipos disseminados na sociedade portuguesa acerca destes grupos.

Além disso, grande parte dos inquiridos considera que "*os imigrantes ganham menos que os portugueses pelo mesmo trabalho*", exceptuando os brasileiros: apenas 45,3% concorda com essa ideia, contra 65,5% relativamente aos de Leste e 57,3% a respeito dos africanos.

Relativamente à afirmação "*Os imigrantes têm habilitações a mais para os trabalhos que fazem*" os imigrantes de Leste surgem muitíssimo distanciados dos outros grupos, com 67,4% de respostas afirmativas, contra apenas 16,3% relativas aos brasileiros e 12% relativas aos africanos.

Ainda assim, apenas uma minoria de inquiridos receia que "*os imigrantes venham a ocupar lugares de maior importância que muitos portugueses*" (em média 17,5%). Mais uma vez, porém, se faz notar uma diferença importante entre os três grupos: 23,4% de inquiridos têm este receio relativamente aos imigrantes de Leste; este receio diminui relativamente aos brasileiros (16%) e aos africanos (13,2%).

Apesar destas diferenças, a maioria dos inquiridos considera que os imigrantes em geral "*fazem os trabalhos que os portugueses não querem*" (72%). No entanto, apenas 40,4% considera que os imigrantes "*são fundamentais para a vida económica do país*", contra 40,9% que não pensam assim (sendo que 18,7% não se posicionam sobre esta matéria). Do mesmo modo, grande parte (43,3%) dos inquiridos considera que os imigrantes não "*contribuem positivamente para a segurança social portuguesa*", contra 24,9% que pensa que contribuem. Note-se que, sobre esta matéria, uma percentagem considerável de inquiridos não se posiciona (31,7%).

## **Atitudes face à repatriação**

Se a maioria dos portugueses considera que os imigrantes fazem o trabalho que os portugueses não querem, e uma parte não negligenciável discorda do facto de que os imigrantes são fundamentais para a vida económica do país, importa considerar, então, as suas atitudes face à eventual repatriação desses mesmos imigrantes. Devem os imigrantes a viver em Portugal ser repatriados? Se sim, em que condições?

A grande maioria dos inquiridos considera que "*os imigrantes legais devem ser reenviados para os seus países se forem condenados por delitos graves*" (79%), contra uma minoria que discorda daquela posição (11%) e 10% de inquiridos que não se posiciona nesta matéria.

Esta concordância com possíveis medidas de repatriação, ainda que diminuindo, mantém-se bastante elevada quando o motivo apontado deixa de ser o crime e passa a ser a falta de trabalho. Assim, 60% dos portugueses pensa que "*os imigrantes legais devem ser reenviados para os seus países se não tiverem trabalho*", contra 24% de inquiridos que discorda desta afirmação<sup>5</sup>.

Note-se, porém, a posição dos portugueses quando colocados face à eventual repatriação de imigrantes legais que tenham filhos nascidos já em Portugal. Neste caso, apenas 21% concorda com essa medida, contra uma maioria de 55% que discorda. De notar a percentagem relativamente elevada (24%) de inquiridos que não respondem a esta questão.

Relativamente à imigração ilegal, grande parte (45,6%) concorda com a afirmação "*Todos os imigrantes ilegais, sem excepção, devem ser reenviados para os seus países*". Uma percentagem importante de inquiridos (35,2%) discorda.<sup>6</sup> Note-se assim que, relativamente aos imigrantes ilegais, os portugueses assumem atitudes mais intransigentes.

## **Proximidade e intimidade relativamente aos imigrantes**

Sendo que a rejeição da intimidade tem sido considerada como um indicador pertinente da intolerância face ao Outro, considerou-se como dimensão relevante deste estudo conhecer as atitudes de aceitação ou rejeição de proximidade ou intimidade relativamente aos imigrantes, por parte dos inquiridos.

Neste sentido, à questão "*Aceitaria ter como chefe um imigrante?*", a maioria dos inquiridos respondeu afirmativamente. Registam-se algumas diferenças no que respeita a proveniência dos imigrantes: 81,5% respondeu que aceitaria ter como chefe um imigrante brasileiro, 77% um imigrante africano e 74,3% um imigrante de Leste. Estas diferenças não deixam de suscitar reflexão no que respeita o facto dos imigrantes de Leste surgirem em terceiro lugar, já que noutras questões eles surgem referidos como o único grupo que trabalha quase tanto como os portugueses e que tem excesso de habilitações para o trabalho que desempenha.

Da mesma forma, à questão "*Colocaria os seus filhos numa escola com mais de 50% de filhos de imigrantes?*", a maioria dos inquiridos respondeu "sim", mas

---

<sup>5</sup> 16% dos inquiridos não se posicionou sobre esta questão (Ns/Nr).

<sup>6</sup> 19,2% dos inquiridos não respondeu a esta questão.

distinguem os imigrantes brasileiros dos restantes. De facto, enquanto 66,3% dos inquiridos respondeu "sim" relativamente àqueles, 57,7% respondeu "sim" relativamente aos africanos e 57,6% em relação aos de Leste. Uma clara minoria declarou que não o faria (13,2% para todos e cada um dos três grupos de imigrantes). No entanto, deve ser salientado que uma elevada percentagem de indivíduos não respondeu a esta questão: 20,5% relativamente aos brasileiros, 29,1% relativamente aos africanos e 29,2% relativamente aos de Leste.

Finalmente, à questão "*Como se sentiria se um filho seu casasse com um imigrante?*", a grande maioria dos portugueses inquiridos respondeu que se sentiria "pouco incomodado ou nada incomodado". No entanto, à semelhança dos casos anteriores, registam-se algumas diferenças relativas à proveniência desses imigrantes. Os brasileiros são objecto de maior aceitação: 87,8% dos inquiridos declarou sentir-se "pouco ou nada incomodado", contra apenas 12,2% que se declarou "Muito incomodado ou incomodado". Seguem-se os imigrantes de Leste, com 77,1% contra 22,9%. Finalmente, temos os imigrantes africanos, com 75,8% contra 24,2%.

Assim, estes resultados apontam para o facto das atitudes de intolerância declarada serem francamente minoritárias nas sociedades actuais, em virtude de serem socialmente sancionadas, tendência que se desenvolveu a partir do final da Segunda Grande Guerra. Desta forma, ao responder a este tipo de questões, os inquiridos posicionam-se em função dos estereótipos dominantes na sociedade actual, respondendo em função da ideologia relativa à convivência multicultural, formalmente não racista e não xenófoba. No entanto, fica por responder a questão por onde se distribuiriam as não respostas a estas e outras perguntas, pois ao aderir ao discurso politicamente correcto, algumas das atitudes de intolerância podem ficar diluídas nessa categoria.

### **Percepção de diferenças culturais**

Na sequência destes dados, importa considerar a percepção dos inquiridos relativamente às características culturais destes grupos de imigrantes. Será que estes são percebidos como muito diferentes dos portugueses? Esta dimensão foi testada com a questão "*Se comparar os imigrantes com os portugueses, considera-os muito diferentes, um pouco diferentes, um pouco semelhantes ou muito semelhantes no que respeita a: maneira como educam os filhos; crenças e práticas religiosas; valores e comportamentos sexuais; língua que falam; usos e costumes.*"

Os imigrantes africanos destacam-se claramente como o grupo que os inquiridos percebem como mais diferente dos portugueses, quer no que respeita aos usos e costumes (61,5%), a maneira como educam os filhos (51,2%), as crenças e práticas religiosas (49,5%), os valores e comportamentos sexuais (32,3%). Apenas os imigrantes de Leste surgem como mais diferentes relativamente à língua que falam (71,7%).

Em contraste, os brasileiros surgem como o grupo percebido como mais semelhante aos portugueses, relativamente a todas as categorias referidas: a língua que falam (69,8%), os usos e costumes (42,4%), a maneira como educam os filhos (38,8%), as crenças e práticas religiosas (36,9%), os valores e comportamentos sexuais (32,3%).

Quanto aos imigrantes de Leste, os resultados não oferecem uma configuração tão nítida, como os restantes grupos. Por um lado, as não respostas<sup>7</sup> assumem a seu

---

<sup>7</sup> Excepção feita à língua que falam: 25.6% de não respostas.

respeito percentagens muito elevadas (entre 42,2%, para os usos e costumes e 60,8%, relativamente aos valores e comportamentos sexuais). Por outro lado, é interessante notar que enquanto os de Leste surgem, em regra, próximos dos brasileiros, na categoria "muito ou um pouco diferentes", na categoria "um pouco ou muito semelhantes", os imigrantes de Leste ficam atrás quer dos brasileiros, quer dos próprios africanos.

A última dimensão considerada foi a atitude face às diferenças culturais dos imigrantes. Os imigrantes devem abdicar da sua cultura, com vista a integrar-se na sociedade portuguesa, ou, pelo contrário, devem preservá-la? Constituem essas diferenças uma riqueza para a nossa cultura ou, pelo contrário, uma ameaça?

Perante a afirmação "*Os imigrantes têm de deixar os seus usos e costumes se quiserem fazer parte da nossa sociedade*", 61,1% dos inquiridos discorda, enquanto que 38,9% concorda. No mesmo sentido, uma substancial maioria dos inquiridos (60,3%) concorda com a afirmação "*A presença dos imigrantes enriquece a vida cultural do nosso país*", enquanto 39,7% dela discorda.

## **Análise Preliminar da Sondagem aos Imigrantes**

Os dados apresentados em seguida resultam de um trabalho de inquirição junto das pessoas que se dirigiram, entre os dias 8 e 18 de Novembro de 2002, em diversas cidades do país, ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) para tratar de alguma questão relativa à sua estadia em Portugal. Neste relatório sucinto são referidas algumas questões metodológicas que ajudam a perceber a natureza dos dados recolhidos e aqui comentados, bem como os resultados relativos a questões de facto sobre a situação de trabalho e às atitudes e comportamentos caracterizadores dos grupos culturais em que se dividiu a população inquirida: imigrantes africanos, brasileiros, de países de Leste e outros.

### ***Questões metodológicas***

O facto de nem todos os estrangeiros conhecerem o português obrigou a traduzir a versão original em russo, a língua que a maior parte dos imigrantes de Leste fala ou entende. O total de inquéritos feitos nas duas línguas é de 1051, dos quais foram realizados 5,3% nas Regiões Autónomas. Ao inquérito em português responderam 781 pessoas (74,3%) e ao vertido em russo, 270 (25,7%).

Em termos gerais a aceitação da sondagem foi boa. No entanto, 14 respondentes de língua portuguesa (1,8%), bem como 34 de língua russa (12,6%) desistiram a meio do inquérito, sendo a desistência dos primeiros explicável por circunstâncias como a pressa, o cansaço, a dificuldade das perguntas, e a dos segundos provocada sobretudo pelas questões sobre a segurança e as dependências mafiosas, o que significa que as pessoas em causa temiam que as suas respostas os pudessem prejudicar ou pôr em risco. Apesar de incompletas, as suas respostas válidas foram utilizadas, tenham ou não sido obtidos elementos de caracterização sociodemográfica dos respondentes.

Estes factos têm algumas implicações na qualidade da amostra. Mas mostram igualmente a dificuldade em inquirir pessoas de outras culturas, mesmo quando os inquiridores a elas pertencem. Por outro lado, o facto de o inquérito ter sido feito nas instalações do SEF pode ter constituído factor de segurança para alguns e de suspeita para outros, sobretudo daqueles que tinham alguma coisa a temer dos seus concidadãos ou dos próprios serviços, os quais são muitas vezes olhados com desconfiança por quem está fora da sua pátria.

Um dos requisitos fundamentais do desenho da presente investigação era que ela fosse representativa, senão de todos os imigrantes em Portugal, pelo menos daqueles que se dirigem ao SEF para regularizar algum aspecto da sua estadia no nosso país. Foram por isso feitos todos os esforços possíveis para recolher informação que permitisse distribuir a amostra de forma proporcional ao número de pessoas que procuram os referidos serviços em cidades que cobriam a totalidade do território nacional. Para tanto foi solicitada ao SEF a informação necessária. Apesar do empenho posto pelos seus responsáveis em colaborar o mais possível nesta investigação, não lhes foi possível fornecer alguns pormenores que permitiriam um desenho mais ajustado da amostra, que foi estruturada na parte que se refere ao Continente.

Quadro 4. Respondentes e fluxos diários

Local	Números			
	Respondentes no Continente		Estimativa de fluxos diários no SEF	
	N	%	N	%
Lisboa	659	66,2	1500	51,6
Porto	41	4,1	150	5,2
Braga	17	1,7	150	5,2
Guarda	13	1,3	40	1,4
Leiria	23	2,3	100	3,4
Coimbra	35	3,5	125	4,3
Santarém	55	5,5	300	10,3
Setúbal	105	10,6	430	14,8
Évora	14	1,4	40	1,4
Faro	33	3,3	70	2,4
<b>Total</b>	<b>995</b>	<b>100,0</b>	<b>2905</b>	<b>100,0</b>

Os dados disponíveis para este desenho são os que constam das duas últimas colunas do Quadro 4, onde também aparece o número de inquéritos efectivamente realizados. Da sua comparação resulta que não há total concordância entre os números desejados e os obtidos. A zona de Lisboa está sobrerrepresentada, o que se repercute nos défices de inquirição nas outras cidades. Mas estes desvios não parecem relevantes para os objectivos deste trabalho, já que não é de crer que a imigração tenha características muito diferentes de zona para zona. De facto, o que determina a sua distribuição no território são as oportunidades de trabalho e não as características ou atitudes dos imigrantes. Por isso este enviesamento não parece

ser relevante.

Mais importante é a questão do incumprimento integral de uma outra exigência da boa metodologia: que estejam representados de forma semelhante na amostra os grupos sociais com efectivas diferenças sociais e culturais. Tal exigência devia ter conduzido a que em cada local de inquirição, o número de respondentes fosse proporcional ao número de imigrante de cada grupo em que, para comodidade na análise, foram divididos: africanos, brasileiros, de Leste e outros. A informação disponível não facilitou o cumprimento deste objectivo, só possível se se conhecesse em pormenor, para cada ponto de inquirição, o fluxo de imigrantes por essas categorias, o que efectivamente não se verificou. O SEF não possuía a informação necessária no momento em que foi desenhada a amostra.

Não obstante, os dados obtidos poderão ser considerados representativos caso se não tenha em conta: (i) as variações, em termos de características sociais e culturais dos imigrantes e do seu afluxo aos serviços do SEF ao longo do ano e da semana, já que a data e os dias de inquirição não puderam ser escolhidos aleatoriamente; (ii) que o número de inquiridores enviados para cada ponto de inquirição era proporcional aos imigrantes, segundo o grupo linguístico em cada ponto de inquirição; (iii) que os entrevistadores tinham um ritmo de inquirição semelhante, ou que, pelo menos no conjunto, os diferentes ritmos se equilibraram (embora se saiba que no grupo linguístico russo, um entrevistador fazia 20 inquéritos enquanto um outro se ficava pelos 6). É provável, no entanto, que os dados resultantes se aproximem de valores representativos das pessoas que se dirigiram aos pontos de inquirição nos dias escolhidos para o trabalho de campo.

Quadro 5. Língua em que foram feitos os inquéritos, por local

Local	Língua do questionário						Total		
	Português			Russo					
	N	% lin	% col	N	% lin	% col	N	% lin	% col
Lx-Penha de França	227	72,3	29,1	87	27,7	32,2	314	100,0	29,9
Lx-Matinha	67	69,8	8,6	29	30,2	10,7	96	100,0	9,1
Lx-Ant <sup>o</sup> Aug <sup>o</sup> Aguiar	218	87,6	27,9	31	12,4	11,5	249	100,0	23,7
Porto	25	61,0	3,2	16	39,0	5,9	41	100,0	3,9
Braga	15	88,2	1,9	2	11,8	,7	17	100,0	1,6
Guarda	11	84,6	1,4	2	15,4	,7	13	100,0	1,2
Leiria	20	87,0	2,6	3	13,0	1,1	23	100,0	2,2
Coimbra	32	91,4	4,1	3	8,6	1,1	35	100,0	3,3
Santarém	32	58,2	4,1	23	41,8	8,5	55	100,0	5,2
Setúbal A	20	80,0	2,6	5	20,0	1,9	25	100,0	2,4
Setúbal B	55	68,8	7,0	25	31,3	9,3	80	100,0	7,6
Évora	12	85,7	1,5	2	14,3	,7	14	100,0	1,3
Faro	24	72,7	3,1	9	27,3	3,3	33	100,0	3,1
Açores	15	33,3	1,9	30	66,7	11,1	45	100,0	4,3
Madeira	8	72,7	1,0	3	27,3	1,1	11	100,0	1,0
<b>Total</b>	<b>781</b>	<b>74,3</b>	<b>100,0</b>	<b>270</b>	<b>25,7</b>	<b>100,0</b>	<b>1051</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Os inquéritos foram realizados em 15 locais: Lisboa (3: Penha de França, Matinha e Ant<sup>o</sup> Aug<sup>o</sup> Aguiar), Porto, Braga, Guarda, Leiria, Coimbra, Santarém, Setúbal (2), Évora, Faro, Açores e Madeira, segundo a distribuição que se lê no Quadro 5, onde é apresentado o número de inquéritos por ponto de amostragem, e as respectivas percentagens em linha e coluna, para todos os locais de inquérito, Regiões Autónomas incluídas.

Todas as entrevistas foram feitas presencial e pessoalmente, excepto nos Açores e na Madeira, onde os questionários foram distribuídos pelas funcionários do SEF e preenchidos pelos próprios imigrantes. Os inquéritos presenciais aos imigrantes que compreendiam o português foram feitos por estudantes universitários. Os inquiridores de língua russa tinham, na sua quase totalidade, cursos superiores. Ambos os grupos receberam formação específica para este tipo de trabalho. O erro desta amostra, caso fosse aleatória, seria de 3,09%, a 95% de confiança.

### Caracterização dos imigrantes

Quase dois terços (63.5%) dos imigrantes inquiridos são homens e 34,6% mulheres, não tendo sido registado o sexo de 1,9% dos inquiridos. No que se refere à idade, a moda da distribuição está nos 25-34 anos (43,4%), vindo em seguida as pessoas de 15-24 anos com 25,1%, e as que têm entre os 35-44 anos, com 22,5%. Acima dos 45 anos as percentagens são marginais: 6,5% para os 45-55 anos e 1,0% para mais do que essa idade (os restantes 1,5% correspondem a não respostas).

Quadro 6. Distribuição de idades por grupos culturais

Idade	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Menos de 35	260	68,2	182	72,2	235	71,0	43	60,6	720	69,6
35-44 anos	93	24,4	52	20,6	73	22,1	19	26,8	237	22,9
45 e mais anos	28	7,3	18	7,1	23	6,9	9	12,7	78	7,5
<b>Total</b>	<b>381</b>	<b>100,0</b>	<b>252</b>	<b>100,0</b>	<b>331</b>	<b>100,0</b>	<b>71</b>	<b>100,0</b>	<b>1035</b>	<b>100,0</b>

Juntando os respondentes em grandes grupos etários, nota-se que os brasileiros são ligeiramente mais jovens do que as pessoas dos outros agrupamentos culturais. As suas diferenças não

são, porém, estatisticamente significativas.

Quadro 7. Países de origem

País	N	%	% válida
Angola	121	11,5	11,7
Cabo Verde	119	11,3	11,5
Guiné Bissau	89	8,5	8,6
Moçambique	10	1,0	1,0
São Tomé e Príncipe	38	3,6	3,7
Outro país africano	11	1,0	1,1
Timor	3	0,3	0,3
Brasil	255	24,3	24,6
Rússia	31	2,9	3,0
Ucrânia	206	19,6	19,9
Moldávia	58	5,5	5,6
Bulgária	4	0,4	0,4
Roménia	33	3,1	3,2
Outro país de Leste	4	0,4	0,4
Outro país não referido acima	55	5,2	5,3
Total	1037	98,7	100,0
Ns/Nr	14	1,3	
Total	1051	100,0	

No que se refere ao *país de origem*, os dados mostram a predominância de brasileiros (24,6%), seguida dos ucranianos (19,9%), angolanos (11,7%) e cabo-verdianos (11,5%). De alguns países, como Timor, e Bulgária, poucos foram os inquiridos.

Tendo em conta as diferenças de quatro grandes *grupos culturais* – africanos, brasileiros, de Leste e outros – verifica-se que os primeiros dominam com 36,9%, vindo os de Leste a seguir, com 32,0%, e os brasileiros em último lugar, com 24,3%. Os “outros”, com 6,9%, são um grupo composto em termos culturais pois agrega os timorenses e os que não pertenciam a nenhuma outra categoria referida acima.

Em termos do tempo de permanência entre nós, são poucos (3,2%) os que estão em Portugal há menos de 6 meses. Com 6 meses

a 1 ano de estadia estão 7,5% dos inquiridos. Quase metade (46,9%) dos que recorreram ao SEF no período de inquirição estão em Portugal há mais de 1 ano e menos de 3 anos. É, no entanto, curioso notar que 44,5% têm períodos de permanência em Portugal superiores a 3 anos (20,1% com 3-5 anos e 22,4% com mais de 5 anos).

Quadro 8. Tipo de profissões no país de origem, por grupos culturais

Tipo de profissão	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Prof. Superiores	12	6,6	16	7,9	95	45,2	10	27,8	133	21,1
Quad. Médios	41	22,4	35	17,3	17	8,1	7	19,4	100	15,8
Trab. Serviços	43	23,5	36	17,8	11	5,2	1	2,8	91	14,4
Trab. Especializados	49	26,8	73	36,1	64	30,5	8	22,2	194	30,7
Trab. Não Especializ.	38	20,8	42	20,8	23	11,0	10	27,8	113	17,9
Total	183	100,0	202	100,0	210	100,0	36	100,0	631	100,0

No que se refere ao tipo de profissões que os imigrantes tinham antes de virem para Portugal, é interessante notar que há diferenças muito grandes (de resto significativas estatisticamente) entre os grupos

culturais em estudo. Tendo apenas em conta os cinco tipos de profissões activas em que foram agregadas as ocupações dos respondentes, chega-se à conclusão de que os imigrantes de Leste são, de longe, os mais qualificados: 45,2% tinha profissões superiores. Nos outros grupos culturais, tais percentagens eram muito mais baixas: 7,9% para os brasileiros, e 6,6 % para os africanos, sendo o grupo residual dos “outros”, com 27,8%, o que mais se aproxima dos imigrantes de Leste.

Quadro 9. Salário do último mês

	N	%	% válido
Menos de 250 Euros	48	4,6	5,8
De 250 a 500 Euros	297	28,3	36,1
De 501 a 1000 Euros	397	37,8	48,3
De 1001 a 1500 Euros	57	5,4	6,9
De 1501 a 2000 Euros	13	1,2	1,6
Mais de 2000 Euros	10	1,0	1,2
Total	822	78,2	100,0
Ns/Nr	229	21,8	
Total	1051	100,0	

A *situação económica* dos imigrantes pode ser entrevista através das respostas à pergunta sobre quanto o inquirido tinha ganho no último mês, apresentadas no quadro ao lado. Quase metade (48,3%) dos imigrantes que referiram o salário que auferiram no último mês diz ter sido de 501-1000 euros. Mas mais de um terço ganhou apenas entre 350 e 500 euros. Há, no entanto, 5,8% de inquiridos que dizem ter auferido menos de 250 euros. Acima dos 1000 euros apenas estão 9,7% dos respondentes.

Quadro 10. Salário por grupos culturais

Salário	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros		N	%
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Menos de 250 Euros	25	8,7	6	2,8	15	5,6	2	3,6	48	5,8
De 250 a 500 Euros	139	48,3	53	24,9	85	32,0	20	36,4	297	36,1
De 501 a 1000 Euros	106	36,8	113	53,1	152	57,1	26	47,3	397	48,3
Mais de 1000 Euros	18	6,3	41	19,2	14	5,3	7	12,7	80	9,7
Total	288	100,0	213	100,0	266	100,0	55	100,0	822	100,0

Em termos de diferenciação dos ganhos no último mês em função dos grupos culturais, há a notar que a distribuição é estatisticamente significativa, o que quer dizer que as diferenças

constantes do quadro são características da população inquirida e não podem ser atribuídas a erros intrínsecos ao processo de amostragem. Do quadro se deduz que são os africanos que têm os mais baixos salários: apenas 43,1% têm rendimentos de mais de 500 euros. Os brasileiros, pelo contrário, têm a melhor situação salarial, pois 72,3% obtiveram no último mês réditos acima de 500 euros. Os emigrantes de Leste, embora na sua maioria (57,1%) tenham recebido entre 501 e 1000 euros, não têm entre as pessoas com rendimentos mais elevados senão 5,3% dos seus respondentes. Daqui se deduz que 62,4% dos imigrantes de Leste, contra 43,1% de africanos e 72,3% de brasileiros, têm salários acima dos 500 euros.

### Razões para imigrar e graus de satisfação

No que respeita às *razões* explícitas *para ter imigrado para Portugal*, 61,6% dos respondentes refere as “oportunidades de trabalho ou de negócios”, 17,9% o “acompanhamento de pessoas de famílias”, 2,8% a “impossibilidade de ir para onde gostaria” e os restantes 17,6%, outras razões não especificadas. Curiosamente, porém, apenas 7,9% dizem ter tido como principal motivo de imigração o facto de não ter trabalho no seu país de origem. Da mesma maneira, apenas 3,4% afirmam que imigraram para Portugal porque não conseguiram obter a legalização onde antes a tinham procurado. Só 0,8% confessa ter vindo para Portugal por problemas com as autoridades noutros países. A notícia de que em Portugal havia trabalho motivou, porém, 7,7% dos respondentes. Uma percentagem um pouco menor (7,1%) diz ter vindo para Portugal por aqui ter familiares ou amigos. Por outro lado, 2,2% dos respondentes vieram porque alguém lhe prometeu trabalho. O clima parece ter aliciado 2,6%, havendo ainda outras razões, invocadas por 8,8% dos inquiridos.

De qualquer maneira, apenas 8,9% de todos os imigrantes inquiridos vieram com contrato de trabalho. Os demais, ou vieram como turistas (79,8%), ou não responderam á pergunta.

Quadro 11. Países onde previamente trabalharam

Países onde trabalhou	N	% resp.	% casos
Espanha	15	8,2	10,1
Italia	11	6,0	7,4
França	20	11,0	13,4
Alemanha	41	22,5	27,5
Holanda	7	3,8	4,7
País africano	30	16,5	20,1
Outro	58	31,9	38,9
Total	182	100,0	122,1

Um grupo relativamente pequeno de respondentes (17,3%) diz ter feito alguma experiência de trabalho noutros países. Para 22,1% dentre eles, essa experiência estendeu-se a mais de um país, antes de virem para Portugal. Os países preferidos pelos nossos migrantes (não tendo em conta a categoria residual de outro país onde 31,9% terão trabalhado) são a Alemanha e um país africano, no primeiro caso certamente por parte dos imigrantes de Leste e no segundo pelos de origem africana.

Quadro 12. Sociabilidades condicionantes

Sociabilidades prévias à vinda para Portugal	N	%
Familiares	514	57,5
Amigos/conhecidos	295	33,0
Outro	85	9,5
Total	894	100,0

A questão das *sociabilidades condicionantes* da vinda para o nosso país – em que se incluem factores relacionais prévios à imigração – pode ser avaliada através de uma questão em que se inquiria sobre os familiares, amigos e conhecidos do respondente. A sua maior parte (57,5%) já tinha familiares em Portugal; 1/3 tinha pelo amigos e

conhecidos.

Quadro 13. Sociabilidades condicionantes, por grupo cultural

Grupo cultural	Familiares		Amigos/conhecidos		Outros		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Africanos	310	79,3	70	17,9	11	2,8	391	43,7
Brasileiros	88	42,1	92	44	29	13,9	209	23,4
De Leste	95	39,3	116	47,9	31	12,8	242	27,1
Outros	21	40,4	17	32,7	14	26,9	52	5,8
Total	514	57,5	295	33	85	9,5	894	100

Cruzando estes valores pela origem do respondentes em termos de grupo cultural, nota-se que os africanos são os que têm justificações familiares mais frequentes para a sua vinda para o nosso país, seguidos naturalmente dos brasileiros, os quais, no entanto, se não distanciam muito dos outros grupos na menção desta circunstância causadora ou, pelo menos, facilitadora da imigração. O facto de a imigração africana ser pelo menos tão antiga como a descolonização não lhe é certamente alheio.

Por outro lado, a quase totalidade (91,5%) dos entrevistados, nunca tinha tentado entrar ou viver em Portugal, o que deixa apenas 5,1% para aqueles que tentaram entrar apenas uma vez, e os restantes 3,4% para aqueles que tentaram mais vezes.

Quadro 14. Grau de satisfação com a vida

Grau de satisfação	N	%	válida
Muitíssimo satisfeito	79	7,5	7,7
Muito satisfeito	323	30,7	31,5
Assim assim	464	44,1	45,2
Pouco satisfeito	98	9,3	9,5
Nada satisfeito	63	6,0	6,1
Total	1027	97,7	100,0
Ns / Nr	24	2,3	
Total	1051	100,0	

O *grau de satisfação* com a vida em Portugal dos imigrantes foi objecto de uma pergunta que, em termos globais, manifesta uma tendência para a apreciação positiva: 38,2% está “muitíssimo” ou “muito satisfeito”, ao passo que só 15,0%, se diz “pouco” ou “nada satisfeito”. Como era de esperar, a maioria (45,2%) refere, porém estar apenas medianamente satisfeito.

Uma outra questão que pode ser analisada a partir dos dados referidos neste quadro tem a ver com a hipótese de o grau de satisfação depender das expectativas dos grupos sociais e da gratificação efectiva encontrada no dia a dia, as quais dependem de diversos factores – não se sentir estranho por razões culturais, conseguir realizar os seus sonhos, etc. Por outro lado, do ponto de vista psicológico, quando as expectativas são baixas também podem ser mais facilmente satisfeitas, embora se possa igualmente considerar que tais situações rapidamente se transformam, em função de contextos em que as pessoas vivem e das gratificações sociais que vêm partilhadas sobretudo por quem lhes está próximo em termos de residência e de trabalho. A relação directa entre expectativas e satisfação é, pois, mediada por diversos factores cujo efeito dificilmente se medirá, já que podem funcionar como reforço ou como enfraquecimento dos outros co-factores. Se os efeitos fossem directos, os grupos menos afluentes, habituados a condições de vida objectivas menos favoráveis, tenderiam a sentir-se mais satisfeitos do que outros que já tiveram níveis de vida mais elevados e integração social mais plena.

Para que esta complexa hipótese possa ser analisada teriam de ser extraídos factores como: trabalho agradável e rentável, vida familiar feliz, realização de funções sociais gratificantes, e outros que não foram inquiridos. Não sendo possível fazer aqui a sua destrinça, apenas se tentará o cruzamento dos resultados da pergunta em análise com as grupos culturais anteriormente definidos. De facto, a hipótese é sustentada pelos dados, embora de uma maneira que leva a pensar que os factores culturais ou psicológicos podem estar a interferir nos comportamentos de forma não inteiramente esperada.

Quadro 15. Grau de satisfação, por grupos culturais

	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Muitíssimo satisfeito	24	6,2	25	9,9	21	6,6	9	13,2	79	7,7
Muito satisfeito	91	23,5	110	43,7	97	30,3	25	36,8	323	31,5
Assim assim	189	48,8	85	33,7	163	50,9	27	39,7	464	45,2
Pouco satisfeito	46	11,9	21	8,3	28	8,8	3	4,4	98	9,5
Nada satisfeito	37	9,6	11	4,4	11	3,4	4	5,9	63	6,1
Total	387	100,0	252	100,0	320	100,0	68	100,0	1027	100,0

A distribuição apresentada no Quadro 9, estatisticamente significativa revela uma satisfação maior por parte dos brasileiros do que imigrante de Leste, sendo a destes maior do que a dos

africanos. Por ordem, juntando os “muitíssimo” e “muito satisfeitos” obtêm-se os seguintes valores: 53,6%, 36,9% e 29,7%, o que parece mostrar que o nível das expectativas é contrariado pelas circunstâncias de vida, possivelmente mais penosas para os africanos do que para todos os outros grupos; o que parece ser comprovado pela

percentagem conjunta destas duas categorias, no que se refere ao grupo definido como “outros”, de natureza compósita, cujo satisfação positiva ascende a 50,0%.

O mesma significância estatística se encontra se construirmos uma variável em que apenas haja três categorias: “satisfeito”, “assim-assim” e “insatisfeito”, sendo tanto mais interessante este resultado quanto a satisfação não tem nada a ver quer com o ter ou não ter trabalho antes de imigrar, ou com o que a pessoa ganhou durante o último mês, ou ainda com o ter ou não tido trabalho no último mês. Ou seja, as variáveis materiais são menos discriminantes do que as variáveis culturais.

## ***Igualdade e discriminação***

Matéria particularmente interessante da presente pesquisa é a que se refere às percepções que os imigrantes têm das atitudes e comportamentos dos portugueses a seu respeito. O conjunto de questões colocadas sobre este assunto foi bastante amplo, o que permite perceber as construções do outro feitas pelos respondentes.

**Quadro 16. Como são tratados os imigrantes pelos portugueses**

Atitudes	Africanos %	Brasileiros %	De Leste %
Mostram respeito e consideração	25,0	44,0	25,1
Mostram simpatia mas não se misturam	34,3	38,3	41,4
São indiferentes e sobranceiros	18,8	12,4	21,6
São racistas	22,0	5,4	12,0
Respondentes válidos	724	630	677

Fazendo notar que o número de respondentes a cada uma das perguntas sintetizadas no Quadro 16 não é o mesmo, e que as percentagens apresentadas se referem ao total de respostas válidas que dele

constam, regista-se haver muitos mais respondentes que pensam que os portugueses têm mais respeito pelos imigrantes brasileiros do que pelos africanos e de Leste. Corresponda ou não à verdade, o certo é que tal ideia é partilhada por 44,0% dos respondentes. Idêntica opinião, a respeito dos africanos e dos imigrantes de Leste só é afirmada por cerca de 25% do conjunto dos respondentes.

**Quadro 17. Vezes em que se sentiu mal por ser imigrante**

	N	%	% válida
Nunca	636	60,5	62,9
Poucas vezes	184	17,5	18,2
Algumas vezes	90	8,6	8,9
Muitas vezes	101	9,6	10,0
Total	1011	96,2	100,0
Ns/Ns	40	3,8	
Total	1051	100,0	

Quase 2/3 dos respondentes diz que nunca se sentiu mal pelo facto de ser negro, ou brasileiro ou de Leste. Mas 18,2% sentiram poucas vezes esse efeito, e 8,9% algumas vezes. O peso da rejeição terá sido sentido por 10,0% dos respondentes válidos.

Quadro 18. Vezes em que o fizeram sentir mal por ser imigrante, por grupo cultural

To Vezes em que se sentiu mal por ser imigrante	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nunca	210	55,7	143	57,4	242	75,4	41	64,1	636	62,9
Poucas vezes	60	15,9	59	23,7	49	15,3	16	25,0	184	18,2
Algumas vezes	40	10,6	30	12,0	14	4,4	6	9,4	90	8,9
Muitas vezes	67	17,8	17	6,8	16	5,0	1	1,6	101	10,0
<b>Total</b>	<b>377</b>	<b>100,0</b>	<b>249</b>	<b>100,0</b>	<b>321</b>	<b>100,0</b>	<b>64</b>	<b>100,0</b>	<b>1011</b>	<b>100,0</b>

Quando se analisam, porém, estes dados em termos dos grupos culturais, nota-se nesta distribuição estatisticamente significativa

que não são os brasileiros que mais frequentemente têm o sentimento de nunca ter sido humilhados por serem imigrantes, mas sim os imigrantes de Leste e os de outras proveniências, o que poderá ter, pelo menos, duas interpretações: que os imigrantes de Leste, por terem mais instrução, são capazes de interpretar com menos rigor as atitudes equívocas dos outros actores, ou que os portugueses são efectivamente mais simpáticos para eles em razão dessa diferença de formação.

Uma outra pergunta com intenção semelhante à da anterior, refere-se a se o respondente se sentiu tratado de maneira diferente pelo facto de ser imigrante. As repostas, ventiladas pelos mesmos grupos culturais, são apresentadas em seguida.

Quadro 19. Vezes em que foi tratado diferentemente por ser imigrante, por grupo cultural no local de trabalho

	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nunca	254	71,1	170	70,2	237	76,7	47	77,0	708	73,1
Poucas vezes	46	12,9	35	14,5	52	16,8	11	18,0	144	14,9
Algumas vezes	24	6,7	19	7,9	6	1,9	2	3,3	51	5,3
Muitas vezes	33	9,2	18	7,4	14	4,5	1	1,6	66	6,8
<b>Total</b>	<b>357</b>	<b>100,0</b>	<b>242</b>	<b>100,0</b>	<b>309</b>	<b>100,0</b>	<b>61</b>	<b>100,0</b>	<b>969</b>	<b>100,0</b>

Nesta tabela de contingência em que as diferenças são estatisticamente significativas, também não são os brasileiros quem me-

nos sente a discriminação no local de trabalho, mas sim os imigrantes de Leste e os de outras origens. Neste particular, os brasileiros têm apreciações semelhantes aos africanos.

Os aspectos em que mais claramente se podem analisar as questões da discriminação eventual dos imigrantes é o do tratamento diferencial no trabalho. Alguns dos temas anteriormente tratados, relevando da ideologia, podiam ter interpretações muito diversas. A discriminação laboral tem um significado mais simples: são os interesses dos patrões que se sobrepõem às normas da justiça. Por isso foram feitas três questões que põem em evidência os atropelos registados nesta matéria.

Os resultados são bastante claros. Tomando as atitudes dos patrões para com os trabalhadores portugueses como padrão, 10,3% de todos os respondentes dizem que há mais atrasos nos pagamentos dos seus salários; 20,0%, que o seu salário é menor; e 15,6%, que têm trabalhos mais arriscados dos que os seus colegas portugueses. Este conjunto de resultados aponta para uma nítida discriminação dos trabalhadores estrangeiros, o que é confirmado pelas respostas a uma pergunta sobre as dívidas do patrão aos respondentes, que registam 12,4% de queixosos. Os números relativos ao montante dessas dívidas, são os seguintes: 13 imigrantes teriam a receber menos de 100€ 45, entre 100 e 500€ 28, entre 501 e 1000€ 20, entre 1001 e 2000€ e finalmente 12, mais de 2000€ o que perfaz 11,2% de todos os inquiridos. Por outro lado, é de notar que

algumas dessas dívidas estão atrasadas em mais de 3 meses (69 casos); para 22 dos casos, o atraso é de 2-3 meses, e para outros 30, de apenas um mês.

Aspecto complementar destes é o que se refere à forma como os patrões cuidam dos seus empregados nos acidentes de trabalho, que atingiram 180 imigrantes (correspondente a 17,1% de todos os inquiridos). 72 respondentes disseram que o patrão não fez nada para resolver a situação e 24 que fez o mínimo possível. No conjunto, 54,8% dos acidentados não tiveram a assistência devida. Somente 17,7% referem que o patrão fez o suficiente e 27,4% que fez tudo o que lhes era possível.

### ***Inserção e relações familiares dos imigrantes***

A palavra integração, utilizada no inquérito para saber das trocas sociais efectivas entre os imigrantes entre si e a população portuguesa é difícil, e porventura não totalmente apropriada. Mas as alternativas também não eram isentas de equívocos teóricos. A inserção, aqui preferida, apenas limita um pouco uma possível conotação funcionalista, que obviamente se recusa. Seja como for, neste ponto pretende-se ver em que medida os imigrantes começam a fazer parte de uma comunidade que eventualmente os acolhe ou rejeita. Por isso se lhes perguntou quais as principais instâncias de inclusão no sistema, embora por outras palavras.

Quadro 20. Condições de integração

	N	%	% válida
Saber falar bem português	500	47,6	54,6
Saber como funciona o país	287	27,3	31,4
Fazer parte de uma associação	128	12,2	14,0
Total	915	87,1	100,0
Ns/Nr	136	12,9	
Total	1051	100,0	

Das respostas dos inquiridos à questão da inserção ou inclusão social resulta que os respondentes consideram que o principal meio de a atingir é o conhecimento da língua. Mais de metade dos respondentes válidos o refere. Mas o conhecimento do país (em que se supõe estar subentendido, como funciona, em termos políticos, legais, so-

ciais, culturais, etc.) recebe o voto de quase 1/3. A vida associativa é a menos acolhida das três hipóteses sugeridas.

A questão de fundo pode, no entanto, ser avaliada através doutros conceitos, entre os quais o de relações de amizade. Por elas se faz a mais significativa inclusão social e cultural. Por isso fazia sentido perguntar se o respondente já tinha arranjado algum amigo português, sendo curioso notar que 90,0% de todos os respondentes válidos dizem que isso se verificava.

Quadro 21. Amigos por grupo cultural

Se tem algum amigo português	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros		N	%
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Sim	324	86,9	241	96,4	249	88,0	62	92,5	876	90,0
Não	49	13,1	9	3,6	34	12,0	5	7,5	97	10,0
Total	373	100,0	250	100,0	283	100,0	67	100,0	973	100,0

Atendendo a que as respostas positivas são tão elevadas, poder-se-ia pensar que não há grandes diferenças entre os grupos cul-

turais estudados. No entanto elas existem e são estatisticamente significativas. Mais brasileiros do que de outros grupos culturais dizem ter amigos portugueses, vindo a seguir o grupo compósito dos outros. Os africanos são previsivelmente aqueles que

menor percentagem registam, embora elevada, sendo ultrapassados pelos imigrantes de Leste neste aspecto da inserção na sociedade portuguesa.

A *contrario*, a questão da inserção social pode ser vista através do desejo de regressar ao país de origem. Em termos genéricos, pode-se dizer que a grande maioria dos inquiridos (78,6%) pensa voltar para o seu país.

Quadro 22. Se pensa regressar ao país de origem, por grupo cultural

Pensa regressar ao seu país	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	300	82,0	190	77,9	214	77,0	42	68,9	746	78,6
Não	66	18,0	54	22,1	64	23,0	19	31,1	203	21,4
Total	366	100,0	244	100,0	278	100,0	61	100,0	949	100,0

A distribuição – não significativa estatisticamente – deste desejo segundo os grupos culturais em estudo, mostra, no entanto que algumas das suas estatísticas

são previsíveis e outras não. As que seguem a hipótese são: que os brasileiros têm menos vontade de regressar ao seu país do que os africanos e que os outros ainda tenham mais vontade de ficar do que os brasileiros. Por outro lado, parece consistente com o que se podia esperar que os africanos, possivelmente porque originários de sociedades mais tradicionalistas, estejam mais desejosos de voltar para as suas terras. Tudo isto é mais ou menos consistente com a teoria. O que o parece menos é o desejo de 23,0% de imigrantes de Leste de não voltar à sua pátria, o que certamente tem a ver com as condições de vida naquelas paragens.

Quadro 23. Se enviou dinheiro para família no país de origem

Enviou dinheiro para a família	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	121	37,5	126	54,1	131	46,1	28	47,5	406	45,2
Não	202	62,5	107	45,9	153	53,9	31	52,5	493	54,8
Total	323	100,0	233	100,0	284	100,0	59	100,0	899	100,0

Complementar desta informação é a relativa às *relações familiares*, para a análise das quais são utilizadas as respostas à pergunta sobre se no último mês o respondente tinha enviado algum dinheiro para os seus

familiares no país de origem. Os dados mostram – significativamente do ponto de vista estatístico – que 38,6% dos imigrantes o fizeram e 46,9% não (não tendo os restantes 14,5% respondido à pergunta). No que se refere às diferenças de comportamento nesta matéria, em função dos grupos culturais, há a referir que os brasileiros são os que mais parecem cultivar este tipo de relações familiares – mais de metade o fez – seguidos pelo grupo dos outros, dos imigrantes de leste e, em último lugar, os africanos, tendo isto possivelmente a ver com uma maior percentagem de africanos com familiares em Portugal.

Quadro 24. Intenções de reagrupar a família, por grupo cultural

Pensa mandar vir pessoas de família para Portugal	Grupo cultural								Total	
	Africanos		Brasileiros		De Leste		Outros			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	120	38,6	51	23,2	94	34,8	24	44,4	289	33,8
Não	191	61,4	169	76,8	176	65,2	30	55,6	566	66,2
Total	311	100,0	220	100,0	270	100,0	54	100,0	855	100,0

No que se refere ao desejo de mandar vir pessoas do país de origem para Portugal, em termos de grupo cultural, as diferenças – significativas estatisticamente – põem em evidência que o grupo que

mais anseia pelo reagrupamento familiar é o dos “outros”. Por outro lado, os brasileiros são os que menos pretendem mandar vir pessoas da sua família para Portugal, vindo em seguida os imigrantes de Leste e os africanos. Esta última constatação parece contradizer a observação feita acima acerca da maior percentagem de pessoas de família dos imigrantes africanos. A aparente contradição parece resolver-se com uma concepção de família alargada própria dos africanos, que a sondagem mostra. Por outro lado, o baixo número de brasileiros que desejam o reagrupamento familiar, talvez tenha a ver com a maior juventude dos seus imigrantes, como se viu no Quadro 6. Mas as pequenas diferenças então registadas, não são suficientes para explicar as aqui verificadas.